

15 de Setembro de 1999

Assim está começando, sem título e sem destino certo, a não ser que Oufi, necessariamente, vai vir morar em Porto Alegre. Novo acréscimo: os nomes ainda são provisórios. Estou meio confuso quando à origem de alguns deles, se iorubanos ou de Benin. Olorodê é a grande dúvida. Creio que é iorubano.. Vou tentar continuar a história assim mesmo e adiante vejo o que faço.

Em 26 de dezembro, por circunstâncias da história base do país, altero o nome do personagem Oufi e coloco o nome verdadeiro do pai do príncipe que, como dizia em 15 de setembro, virá morar em Porto Alegre e que se chamará, na ficção, Oufi. A narrativa desta página 2 se iniciou em 24 de dezembro de 1999..

Rainha-mãe: Iya Oba

Rei: Oba

Olorodê, líder do grupo

Kotou, artista, futuro mestre de metais

Kpadonu, pupulo de Olorodê

Manakita, sacerdotiza

Cranfield, Henry Charles

Ovonramwen, futuro rei

Obasoyen, (uzama) chefe da cidade de Benin

Obatelê, o enogie, chefe interiorano de Ughton (também Gwato)- porto marítimo

Olosegum, personagem da corte que faz as trapas em nome (ou supostamente) do rei.

Obassanjô, (disponível)

Egharevba

Ikme

Obaro

Adu

Obayemi

Akpo Eyo

Ovaitiocum

Abiola

Notas:

1 - Até 1888, morte de Adolo(data incerta) — a cabeça do obá era enviada para Ifé e de lá voltava uma cabeça em bronze ou latão;

2 - O primeiro mestre em metais teria sido Iguega, de Ifé, que teria ido para Benin. É tradição oral, não há certeza se existiu ou não.

3 - Descrição sobre a localização de Benin, suporte na página 525, de a Enxada.

4 - Pano da Costa, exportado para o Brasil

5 - Lagos ou Eko, nome original (Hotel Eko, principal de Lagos)

Quatro paredes de madeira. E era um castelo. A fortificação onde quatro amigos, que um dia o destino viria a irremediavelmente separá-los, protegiam, de forma inexpugnável, seu mundo de fantasia daquele de seus mais velhos. Olorodê, o líder, fora autor da idéia e construtor-chefe do fortim. Kpadonu, mais novo um pouco que Olorodê, era seu pupilo. Imitava o mentor em tudo o que aquele fazia. Kotou, brincalhão, alma aberta, vidente, seus olhos perscrutavam o insondável para seus pequenos companheiros, e suas mãos tinham a incontrolável habilidade de gerar vida. Riscava paredes e imagens se impulsionavam em movimento. Empunhava um canivete e ao agredir nacos de madeira, fazia deles surgir pessoas, animais e coisas. Torcia o ferro e lá estava mais do que uma espada, uma arma, ali se materializava um ser — uma cabeça, um torço animal, um pequeno altar. E Ovonrramwen, predileto de Manakita, a sacerdotisa, mas sobretudo, o irmão mais velho de Olorodê, e por uma razão de sucessão nobiliárquica, o futuro rei de Benin. O fato é que, naquele momento — todos jovens, se preparando para o ritual de iniciação, quando se iriam transformar de adolescentes em homens — não atentavam para a questão política maior, preocupação da entourage real, da iminente dominação da Inglaterra por sobre o seu país — o império de Benin. O fato político que se avizinhava iria atingir, em cheio o mundo de Ovonrramwen, imensamente mais do que aos demais.

A razão de ser do castelo, naturalmente, era reproduzir uma constante na vida de seu povo: a guerra. Lutavam por hegemonia geopolítica, e aquisição ou manutenção de mercado. Geravam guerras para a conquista de escravos, trocados estes por armas, mantimentos e confortos da realeza. Além do mais, disputavam diferenças atávicas.

O outrora, em verdade uns poucos anos antes, brincavam de cavalaria. Eram improvisados galhos de árvores, que ao recebiam numa extremidade, o talento artístico de Kotou, transformavam-se em garbosos animais, que eram ginateados, freneticamente, quando em batalha; ou elegantemente, com o ritmo natural de seus corpos africanos, simulando alguma parada real.

Agora, os cavalos eram vistos com outros olhos: músculos retesados que se expandiam e contraíam, articulações que se flexionavam dando dinâmica sintonia às pernas e patas, pelos lustrosos, mostrando a plasticidade daquela obra prima do reino animal, nas carreiras de manhãs frescas, em meio a trilhas sob bosques, nos limites do verdadeiro palácio real. Eram dentes, que às vezes mordiam quem os perturbava, mas que, comumente, constituíam-se em porta aberta para algo doce ou vegetal, servido por uma mão amiga, como a de Olorodê ou de Ovonrramwen. Os cavalos da estribaria real eram árabes, de origem, fruto de um intrincado comércio que envolvia mouros da península Ibérica, traficantes de escravos e compradores destes, especialmente no Brasil. Benin, com seu vizinho Oió, e suas hordas de cavaliços, eram o terror de seus vizinhos, como os povos do Daomé e outros pequenos reinos vizinhos, que tinham de se valer da infantaria, pois viviam em terras baixas, infestadas pela mosca do sono — tsé-tsé. Os cavalos, aí, eram presas fáceis desses insetos mortais, que dizimavam pela indolência doentia populações de vilarejos.

Assim, se não estivessem no forte, reclusos de certo modo, impedidos de brincar com outros meninos de mesma idade, mas plebeus, podiam ser vistos próximos aos cavalos. Ovonrramwen já sabia que, passado o ritual de iniciação, iria ganhar de seu pai um imponente cavalo. O irmão teria o seu mas somente um ano após. Mas tinha certeza que pressionando o irmão conseguiria, também, ele, ter no cavalo que Ovonrramwen iria ganhar, uma espécie de sua própria montaria. Brincava, sem aborrecer o irmão mais velho, com seus amigos, apontando aleatoriamente qual haveria de ser o seu cavalo. Pensava, o mesmo Olorodê, com

certa inquietude, quando enfrentaria o jogo de perder e ganhar: perder a fimose, ganhar um cavalo, e aspirar por sua primeira virgem — exatamente nesta ordem de importância. Ovonrramwen, por seu turno, tinha a tranqüila certeza de que estas coisas estavam a esperar-lhe, no devido tempo.

Os cavalos, seu odor característico, sua sociabilidade, sua capacidade de fazer as pessoas deslocarem-se em velocidades além da assegurada por suas limitadas pernas, eram deuses no imaginário de Ovonrramwen, apenas não externava. Deuses como aqueles que Manakita ensinara-o a respeitar. Era, assim, destino, registro sagrado no livro de ocorrências da vida daquele menino-real — no futuro expatriado nobre — o amor pelos eqüinos, mormente os elegantes, fortes e garbosos cavalos árabes, e uma força imanente que o levaria a ajudar seus semelhantes e por eles ser admirado, mesmo muito tempo após haver retornado, definitivamente, de volta para sua África. Mas até aí Ovonrramwen haveria de conhecer homens semelhantes, mesmo que em mundos diferentes.

Olorodê queria ser o rei. Considerava-se possuidor de todas as características necessárias para sentar no trono real. Sabia liderar e era obedecido espontaneamente, sem imposição. As ações bélicas de sua nação eram por ele conhecidas em todos os detalhes. Guardava, como repositório da história guerreira de Benin, uma excelente coleção de pequenas imagens em bronze e madeira, feitas por artesãos reais. Procurava estar próximo, sempre que possível, dos maiores do exército real, que aceitavam sua presença numa condescendência à sua origem real. Era o segundo na linha sucessória. Mas, que importa!, queria ser o rei. Afinal, quem construíra o forte, externando com isto, mesmo numa ação inconscientemente elaborada, sua capacidade de defender o reino contra os inimigos daoemanos, adreanos e tantos outros? Quem era admirado e cortejado pelo general comandante da cavalaria? E quem tinha gosto pela guerra? Olorodê queria ser o rei, sim; em verdade, tinha mais inclinação para as coisas de Estado do que seu irmão mais velho, por nascimento destinado a ocupar o trono. Uma que outra vez insinuou essa sua inclinação para Ovonrramwen, sem que este demonstrasse qualquer tipo de reação adversa. Como eram insinuações, talvez este não as entendesse, tal o seu desprezo às intrigas naturais de cortes reais, e a inata convicção de que vir a ser o rei de Benin, era questão de tempo. Havia sido treinado desde o berço para isto.

Ovonrramwen tinha como protetora e amiga uma das velhas da corte, mais precisamente Manakita, a sacerdotiza. Era de suas tarefas cuidar daquele menino que um dia seria o obá. E ser obá significa manter a responsabilidade histórica de proteger seu povo, inclusive ser para seus súditos, uma divindade, portanto, portador de poderes de cura de seu corpo e, eventualmente, do de seus súditos. Manakita, por complicados caminhos de sucessão baseada em herança religiosa fora apartada das demais meninas de sua idade, e preparada para cuidar da saúde dos membros da casa real, especialmente do obá e seus filhos e filhas, esposas e agregados. Era encarregada de cuidar do *altar* — a palavra altar, assim mesmo, do português, estava imiscuída na língua edo — real, onde eram conservados fragmentos da tradição, como esculturas, pedras, corais e roupas. Supervisionava, com extremo cuidado, um empório de ervas medicinais, que eram guardadas em diversas formas. Algumas eram consumidas frescas, fervidas na água e se transformavam em chás ou infusões; outras viravam pomadas e muitas em concentrados que eram manipulados por ajudantes de Manakita, ampliando o espectro de sua aplicação. Ovonrramwen convivia com evidente curiosidade e interesse do mundo fantástico da velha preceptora, e inúmeras vezes se valeu deles para situações de emergência. Como certa feita, quando brincavam, ele e seus amigos de sempre, no fundos das cavaliças reais, onde se depositavam madeiras velhas e podres. A brincadeira

consistia em buscar alguma coisa que pudesse servir de apoio a outro esconderijo que construíam. Tudo corria em tom de galhofa, com a preocupação de executar a tarefa ao mesmo tempo que pular e gritar, quando Kpandonu, deixou sua mão parada mais do que o necessário sobre uma madeira e, incomodado pelo intruso, um escorpião picou-lhe a mão. Kpandonu deu um grito de dor e espanto, chamando a atenção dos demais, que viram, todos, um robusto escorpião dar meia volta e esconder-se sobre a tábua podre. A peçonha irritou quase instantaneamente a carne do menino. Todos ficaram parados, assustados com o evento, até que sem experimentar qualquer receio ou surpresa, Ovonramwen pegou seu companheiro e correu com ele até o empório das ervas e poções, escolhendo, qual o farmacêutico que sabe exatamente onde se encontra determinado remédio, a substância cremosa que aplicou por sobre a pisadura. Havia já um intumescimento e vermelhidão no local. Seu companheiro sentiu-se desanimado, e foi levado para sua casa, com a informação do acontecido e as medidas que Ovonramwen havia tomado. À noite, quando a febre já havia ido embora e o inchume começava a desaparecer, Manakita compareceu, mas apenas para sentir prazer ao ver o trabalho desenvolvido por seu real aprendiz. Pouco falou ao entrar, e disse apenas ao sair: — Será um grande Obá! No dia seguinte Ovonramwen já se integrara a seu grupo em condições de sofrer outro acidente, mas seria de aí adiante mais cuidadoso.

Manakita retornou a seu recanto, antes passando altar real, onde depositou oferendas, removeu certas coisas que envelhecera e ajustou, como se necessário fosse, a posição de algumas das esculturas e pedras que compõem o cenário sagrado.

Agora estavam em seu castelo, no fortim, e cada um tinha sua missão a cumprir. Olorodê era o general-em-chefe do exército e necessitava, assim, discutir com seu imediato, Kpandonu, táticas de combate. Como a cavalaria deveria avançar, abrindo o campo para a atuação dos infantes. Kotou, o armeiro, deixava-se ficar numa canto, sem grandes preocupações, uma vez que as armas que fabricara as havia distribuído para os guerreiros. Sucede, entretanto, que Kotou tinha um dom especial: a capacidade de (seu espírito sair do corpo e estar noutro lugar - perguntar a palavra para a Iolanda). Pois naquele exato momento Kpandonu estava noutro lugar, nem ele mesmo sabia onde, apenas que ouvia conversas truncadas, para sua compreensão:

— Está muito melhor assim, o comércio com os ingleses. A assertiva vinha de Adolo, obá de Bejin, sentado em seu trono, vestido e pousando majestaticamente

— Os holandeses, santo Obá, não vão gostar desse nosso novo movimento.

— Eles não vão notar. Vamos continuar a agir progressivamente. Aos poucos, sem que notem.

— Santo Obá... — reticente, sem encarar, a cabeça sempre baixa, via entretanto os olhos do rei, falava seu mais importante assessor, Obasoyen, chefe da cidade de Benin, capital do reino de Benin — trata-se de comércio importante. São nossos parceiros há mais de trezentos anos. Eles vão notar em seguida.

— São muito arrogantes e muito estúpidos para sentir, pelo menos enquanto construimos uma sólida aliança com os ingleses.

— São aquilo que o santo Obá diz; mas se a arrogância é ilimitada, a estupidez acaba no limite de seus interesses... Aliás, santo Obá — agregou Obasoyen — já ouvi veladas reclamações dos holandeses, quanto à presença, a olhos vistos, de cada vez mais ingleses pelas ruas de Benin, e conversando com nossos administradores.

— Mas temos um país livre. As pessoas podem vir aqui tratar de comércio, sejam holandesas, inglesas e até mesmo, com sua língua difícil, os portugueses e franceses que mantém um forte comércio com o Daomé.

Kotou podia ouvir e entender em sua língua nativa, o edo, cada uma das palavras que proferiam o obá e o grande chefe. Todavia, o contexto lhe era completamente incompreensível.

Nesse momento, Olorodê deu um safanão, e trouxe seu amigo à realidade, como costumava fazer com frequência. E Kotou voltou, também em espírito, ao castelo juvenil de onde fugira sua alma, como se nada tivesse ocorrido.

Muitos metros adiante, na câmara real, entretanto, não apenas a conversa que Koutu ouvir em parte, mantinha-se em andamento, como outro elemento era introduzido na conversa. Obatelê, o enogie, chefe distrital de Eghoton,, segunda cidade mais importante do reino, existente desde fins do século quinze, adentrava ao núcleo de poder. Era mais velho que Olorodê, e apesar do respeito ancestral, da força do hábito imemorial de subordinação ao chefe de Benin, Obatelê tinha a um sentimento de que deveria ser ele o segundo do rei, mas superava a angústia antiga sem que, a não ser por distração muito rara, deixasse vaziar o teor de seu secreto desejo. Sua província, em muitos aspectos superava em importância a capital. Era dela que vinham, quase sempre, os essenciais recursos logísticos para as guerras do obá. E também de seu território que expressivo número de criminosos e supostamente tal eram agrupados para servirem como mercadoria de exportação, no rumo do Brasil e, muitas vezes, os mais altos, eram destinados a exigentes, mas melhor pagantes, comerciantes que levavam as cargas humanas em direção ao extremo norte da nova terra, a América. Dizia a lenda, plantada na cabeça dos imediatos de Obatelê, e a ele transmitidas, mas aceita como realidade, que somente homens de grande estatura e compleição forte, suportariam o frio inimaginável das terras a que se destinavam. Os baixotes e os franzinos morreriam em pouco tempo, constituindo-se por tal, mercadoria desprezada pelos mercadores mais sofisticados, que faziam à rota das Índias Ocidentais e Estados Unidos. Obatlê era muito bem informado nesse e em todos os assuntos relacionados com o tráfico. Sua sutileza no agir, transferia à subordinados tarefas que representavam clara e precisamente os objetivos que tinha em mente. Sabia, em acréscimo à suposta lenda dos mais altos, que sim, havia na Costa dos Escravos uma disputa de parte dos traficantes que faziam a grande rota do norte, que ao deixarem de se abastecer em terras mais próximas, como o oeste da África, do Senegal em direção ao Sul, alcançando à Costa do Ouro, dos negros minas. Até aí encontravam, com relativa facilidade, homens altos, fortes e possivelmente mais resistente à longa jornada e ao frio terrível que os esperava no inverno dos Estados Unidos. E o preço subia posto que, em primeiro lugar, os navios tinham de viajar mais longe, na direção sul. Depois, envolviam-se num intrincado comércio de seus parceiros que faziam a captura e transporte do interior do continente até os rios e destes às suas embocaduras com o mar. Era um período em que, face à pressão de grupos humanitários na Inglaterra e razões comerciais — a incipiente Revolução Industrial — cada vez mais se tornava difícil o transporte de escravos: a temível força tarefa britânica policiava com eficácia tanto à costa da África, quando o caminho para o norte e, mesmo, à costa do Brasil. Os mercadores da rota do norte, portanto, pagavam mais, mas queriam mercadoria melhor, mais adequada tanto à viagem, mais longa, quanto ao destino, imensamente mais inóspito do que o Brasil tropical e o Caribe. Essa sua cultura de mercador, sem que com os traficantes travasse o mais leve contado, incluía, assim, saber como ocorriam as coisas em outras praças; como se comportavam portugueses, franceses e, novos traficantes, brasileiros e americanos.

Obatelê sabia que era uma impossibilidade quase absoluta a hipótese de um dia vir a ser o chefe da cidade de Benin, posto que as regras do sistema não funcionavam assim. Obasoyen ficaria até morrer e ser substituído por seu sucessor familiar. O mesmo ocorreria com ele em sua província natal. Mas os ouvidos abertos e a perspicácia de Obatelê, no contato com estrangeiros, viajantes, que, como ele, estavam vinculadas ao tráfico, mas não sujavam

aos mãos tocando o tecido infectado, falavam de outros sistemas de governo. O próprio Obatlê mantinha na memória histórias antigas de lutas que envolviam a questão democrática. Povos, como os íbos, haviam resistido tenazmente à pressão dos obás para subjugá-los, ou incluí-los no reino como associados, porque já experimentavam em seus territórios práticas que consistiam no mando por governantes que eram de origem popular. Qualquer um, se tivesse capacidade, poderia pleitear substituir o governante morto. Era uma espécie de democracia, repelida pelos edos. Obatelê não se incluía entre os que assim pensavam. Jurou, praticamente a cada encontro que tinha com o obá, fidelidade ao monarca. Reiterara, nas conversas que entretinha com seu santo homem, que abominava o sistema de governo dos íbos.

Como se tivesse sido partícipe da conversa desde o início — não participara fisicamente, naquela reunião, mas tratava-se de um assunto tão repetitivo como o indagar, a cada manhã, no encontrar-se com um velho amigo, pela saúde e bem estar de uma relação de pessoas e coisas, como galinhas e porcos — Obatelê deu sua opinião, após um trejeito de assentimento sóbrio do monarca:

— Temos um excelente comércio com os holandeses há mais de trezentos anos. Eles têm levado nossa pimenta, peles de leopardo, corais e, sobretudo, escravos... — à medida em que foi dizendo “peles, leopardo” foi baixando a voz até que quase murmurava ao dizer “sobretudo escravos” e silenciou, na pausa de uma reticência. Levantou os olhos para o teto da câmara, sem passar pelos olhos do obá, num exercício de humildade, que iria culminar na modéstia de dizer o que desejava: — ... mas não poderíamos aspirar mais? — sua frase veio no sentido contrário à anterior. Era um crescendo. — Passados trezentos anos, não poderíamos obter mais no comércio com os holandeses. — Baixou de novos a voz e os olhos que se haviam colado no teto, para arrematar, por enquanto: — E os ingleses, não os conhecemos tão intimamente como aos holandeses. Não seriam diferentes?

Passou pela cabeça do chefe da cidade de Benin, Obasoyen, um pensamento vetusto que ouvira repetidamente de seus antigos; ou teria sido daqueles franceses que o haviam visitado diversas vezes, tentando abrir uma porta de comércio? Lembrou-se da história de animais insatisfeitos, em busca de um rei. Na sua memória de velho não sabia se os animais da história eram garças ou rãs. Pensou de novo e recordou que um inglês, tempos atrás, contara-lhe certa história, rindo muito e repetindo que aquela era um boa piada, mas dava sua origem nos gregos. — Esopo... — pensou, desconfiando ainda outra vez de sua memória.. A questão o intrigara sobremodo que ficou ainda por mais tempo a refletir, então veio algo lá de sua infância: Ouviu o som Odwdwa, que o recordou fragmento da história. A morte de um dos mais antigos obás, nos tempos da agregação dos povos edos, fez os chefes entrarem em furiosa disputa. Não havendo consenso quanto a quem seria, chegaram à unidade quanto a trazerem um regente de outras terras, do reino de Ifé. A história esvaeceu, era coisa muito antiga, mas voltou em seguida com a imagem de sete piolhos, que foram enviados pelo convidado para ser o substituto estrangeiro do obá. Deixou o pensamento desvanecer e concentrou-se no local onde estava naquele momento.

Interveio, a seguir, após a fala teatral de seu colega interiorano:

— Como nos ensinou o santo Obá, e temos vivenciado ao longo de toda a nossa vida e, mesmo da vida dos que nos antecederam, os espíritos que hoje veneramos, é bom mantermos este relacionamento com os holandeses. Damos-lhes o que necessitam e recebemos o que precisamos para manter nosso Estado forte, dominando sem dificuldades nossas colônias.

— É verdade inquestionável — disse o Obasoyen, antes pedindo reverencial licença ao obá para ponderar sobre o que dissera o chefe de Benin —, que mantemos um antigo e frutuoso comércio com os holandeses, mas ele se esgota em poucos itens...

— ... que são expressivos para nossa sobrevivência — atalhou Obatelê, o chefe interiorano. E ia se iniciar o diálogo antigo, quando o obá levantou a mão quase descuidadamente, mas com um gesto claramente imperioso para os seus dois súditos, que se calaram de pronto e se recolheram à seu lugar hierárquico.

Falou, enfim, após longa pausa, o obá:

— Temos convivido com os holandeses, é verdade, como nossos principais parceiros comerciais, desde tempos imemoriais. A própria história da fundação da cidade que você, Obatelê — Obatelê sentiu-se profundamente emocionado e satisfeito, pois raras eram as vezes em que o obá se importava em chamar qualquer de seus súditos, por mais importante que fosse na hierarquia local, pelo nome — chefia, se confunde com a vinda dos europeus holandeses. Conta nossa tradição que os primeiros europeus que aqui estiveram, ficando por longo tempo, foram os portugueses. Depois, e até hoje, todos os obás que me antecederam, consideraram os europeus como deuses do mar — deu uma ênfase para a palavra em edo, Olokum. Eu compreendo que os holandeses, ao contrário do que fazem os ingleses em outros cantos, tem estado aqui como parceiros, negociantes. Os ingleses tem-se tornado administradores, autoridades nos locais onde podem.

O Obasoyen, vendo que o obá pausara, desusadamente ousou, olhos postos no chão, soltar uma palavra:

— Colonizam.

— E trazem mais coisas para o povo — aduziu Obatelê, sentindo, o instinto à flor da pele, que o todo-poderoso obá havia vacilado ante à intempestiva palavra de seu subordinado, sem admoestá-lo. E foi feliz no gesto, porque o obá também não o advertiu.

O obá fez o gesto de que saíssem; nada mais havia para ser dito naquele encontro.

Ambos os velhos administradores fizeram as medidas de praxe e, carregando o peso dos anos em cada uma de suas pernas, moveram-se porta à fora, num exercício que cada vez mais se tornava penoso.

Fora da câmara real, Obasoyen e Obatelê, qual duas paralelas que terminam, abriram-se cada um para um lado, sem um desnecessário adeus, seguindo cada um atrás de suas crenças ou conveniências.

Obasoyen preferiu seguir o caminho que levava ao santuário de Manakita.

Obatelê, antes de valer-se dos meios para empreender a viagem de volta a Eghoton, decidiu-se por aceitar um convite em aberto. — Faça um *“stop over”*, quando quiser, para um chá com *brandy* — dissera-lhe o clérigo inglês, cabelos cor de palha de milho seca, levemente ondulado, de cara redonda e avermelhada, pela ingestão constante de conhaque e gim. Sabia que teria de passar algum tempo com um falastrão inconseqüente, com escasso relacionamento com Jesus e com os preceitos bíblicos, mas chegado a alguns ingleses que adoravam suas anedotas e trocavam confidências que Obatelê recolhia e sabia transformá-las em pérolas de sua coleção informativa. Ali, então, como sempre, estar informado era manter-se um passo à frente dos demais.

Era um entardecer e Obatelê passou a caminhar por uma cidade muito avançada para os padrões da época. Havia uma longa e espaçosa avenida. Um holandês já comentara com Obatelê que mesmo a rua principal de Amsterdã era muitas vezes mais estreita do que àquela onde dava seus comedidos passos. E como a rua Warme, dos amsterdameses, era margeada

por casas, com passeios enfeitados com árvores. O fim da rua por onde transitava Obatelê, ou seu início, tinha um portão de madeira, grande e muito sólido, guardado por uma sentinela, com uma passagem sobre um fosso seco, cheio de árvores muito altas. Adiante dos portões, como em muitas cidades, ficavam subúrbios ou zonas rurais, onde se alojavam os à margem da corte e da administração da cidade.

Após uma breve caminhada — o inglês tinha residência na parte interior da cidade — chegou à casa do britânico. Bateu com os nós dos dedos na porta da casa de Cranfield, sendo recebido, em seguida, por um escravo negro que se dobrou todo em reverências e mesuras ante à autoridade que batia à porta, sozinho, sem qualquer de seus vassalos. Não precisou dizer nem fazer nada, Cranfield apareceu em seguida abrindo-se em largo sorriso e desmedidas mesuras para dizer:

— Quanto honra... passe, por favor, sua eminência!

Obatelê, sem qualquer gesto, além de um sorriso leve, moveu-se para o interior da casa, dizendo enquanto passava pelo massudo britânico: — Alo, ministro!

Obasoyen, mais ou menos neste instante, já estava sentado confortavelmente na casa de Manakita, o empório de ervas, poções e linimentos, que faziam tão bem ao corpo e à alma das pessoas que estavam a seu alcance.

Manakita havia servido ao poderoso Obasoyen um de seus chás, uma espécie de calmante, que se adequava exatamente a homens de idade — o chefe já ingressara nos sessenta anos —, e que passavam a sentir reações inusitadas, nunca antes experimentadas, portanto incompreensíveis, como medo inexplicável, choro fácil, relutância em aceitar pensamentos contrários ou simplesmente diferentes dos seus, dificuldade para adormecer ou acordar no meio da noite e ver passar à sua frente, virando-se de um lado para o outro na cama, um mundo de problemas aparentemente insolúveis. O chá de Manakita, que Obasoyen sorvia naquele instante é o mesmo que já vinha tomando, havia algum tempo, e que se tornara um poderoso elemento de estabilidade emocional para o chefe de Benin.

A história da prescrição desse chá surgiu na confissão ingênua de uma das esposas do chefe. Buscando remédio para seu próprio problema, a relativamente jovem mulher, aliás a mais jovem dentre elas, aspirando, ainda, e faltava pouco, uns dois anos, entrar na casa dos quarenta anos, escorregou que seu marido se angustiava muito quando iam manter relações sexuais, e que tudo mudara quase que abruptamente. Confidenciou que o chefe se amargurava muito ao saber que tinha de se encontrar com Obatelê, e que o transformara, em sua imaginação, num inimigo terrível. Falou de sua angústia, mesmo, para despachar com o obá, coisa que sempre fizera com grande prazer e imensa honra. Afinal, era dos poucos homens no reino que podia ver o obá de perto, e quase todos os dias. Tinham a mesma idade e, naturalmente, cresceram juntos, cada um com destino certo: um seria o rei dos edos e o outro o prefeito da cidade capital do reino. As confissões da jovem esposa voltaram ao quadro sexual. O chefe não conseguia sustentar por mais que alguns instantes a ereção, coisa absolutamente anormal. Por ter mais de uma esposa, não raramente era capaz de satisfazer, na ociosidade que sua posição comumente ensejava, mais de uma delas, deslocando-se, pênis rijo, de um aposento para o outro, bastava atravessar um longo pátio, verdejante com suas plantas brotando em bem decorados jardins, e chegar às casas das mulheres e das crianças. Era um conjunto de bangalôs bem distinto da casa principal. Na casa principal, ou palácio do chefe, habitavam apenas homens: ele próprio, num quarto amplo, cheio de esculturas em marfim, madeira e bronze, peles curtidas de animais silvestres, imensos rolos de fazenda, cada um representando uma das vestes que usava em diferentes ocasiões, além de uma coleção muito esquisita de contas de coral — e outros, como filhos adolescentes, genros, enteados e

empregados de atendimento permanente. Agora, continuou inconfidente a consulente de Manakita, ele não conseguia sustentar por mais de alguns instantes sua ereção, ejaculando-se de forma desastrada e prematura. Já não queria saber das outras esposas mais velhas. Sussurravam, a boca pequeníssima, pois o medo era o grande conselheiro, que era justo o chefe estar menos fogoso, afinal, a idade chega para todos e, as mães de seus primeiros filhos, sessentonas como ele próprio, preferiam a quietude de novos tempos à dinâmica de outrora, quando ele movia-se pelo quintal como num carrossel. A consulta resultou na entrega à jovem de dois remédios: um para ela mesma resolver um quadro de eczema numa perna — era uma espécie de pomada. O outro, fez gerar um conluio entre a velha sacerdotisa e a jovem esposa. Ela passaria a servir um chá verde, cujas folhas entregou naquele momento, e disse como deveria proceder, informando apenas ao marido que era um novo chá digestivo que lhe mandara Manakita. Obediente, o chefe passou a tomar o chá, e foi sentindo, sem se dar conta, suas ansiedades desaparecerem; o sono derrubá-lo no pós entardecer, acordando-se, apenas, para micções na madrugada; retomou o controle nos embates com Obatelê e, com grande satisfação, e sincero prazer para sua jovem esposa, viu suas ereções durarem muitos minutos.

Frente à frente, Obasoyen e Manakita perscrutavam um ao outro. Parecia um exercício onde cada qual queria saber lá no fundo da alma o que se lhes passava pela cabeça. Ou, de outro modo, parecia que cada um tinha uma mesma preocupação, mas se sentiam incapazes de iniciar um diálogo a respeito desse aborrecimento comum.

Então as vozes vieram ao mesmo tempo e, como estavam cara à cara, o som parece que colidiu e fez cair numa palavra todo o seu drama:

— O príncipe!

— — — —

— Hoje nós vamos atacar os íbos! — Exclamou imperativamente Olorodê. — Eles são um povo atrasado e que não paga os impostos ao obá!

— E que armas nós vamos usar? — Indagou Ovonrramwen, futuro obá.

— As armas preparadas pelo mestre Kotou. — Era uma referência ao pupilo de Ovonrramwen e predestinado artesão. Pupilo, porque queria estar sempre perto do amigo, apesar da distância nobiliárquica, não afastada pelo fato de serem apenas meninos. Ovonrramwen tinha evidente inclinação para amar os cavalos e, da mesma forma, admirar as obras de arte que se empilhavam por todos os cantos do palácio, obras que Kotou era capaz de reproduzi-las imitando-as em madeira, marfim e barro; e que seria capaz, se seu pai lhe permitisse, de vir a fundir usando a técnica da cera perdida, obras em metal. Seu pai o iria iniciar, naturalmente, nesse estágio, era, apenas, questão de tempo. Os mestres tinham linhagens hereditárias. Assim, o pai de Kotou era o grande mestre das artes da capital do reino, vivia pois dentro do palácio real. Seu filho encontrava-se assim, em meio ao grupo, porque filho de uma das mais respeitadas figuras na corte, quase ao nível do próprio prefeito e da sacerdotisa. Ovonrramwen e Olorodê valorizava seus trabalhos, especialmente as cópias que fazia de espadas, arcos, escudos e, mesmo, armas de fogo, que todos usavam em batalhas imaginárias, contra os inimigos de sempre, os vizinhos estados-nações que viviam às turras com o obá, omitindo-se, sempre que possível, do atendimento das cobranças de pedágio, proteção e impostos que eram criados à medida que o erário de Benin demandava.

Olorodê nunca vira o obá, ele mesmo, participar de uma guerra. Sabia que seu general, chefe dos guerreiros participava dos combates. Assim que, em seu sonho de ser obá, misturava essa condição com a de general e, somando as duas coisas, pretendia, como ouvira

em conversas cruzadas, erradicar com os vizinhos. — Vamos exterminá-los todos! — dizia seu brado de guerra. Essa era uma impossibilidade tática que, se de fato, chegasse a se efetivar um obá haveria de constatar não lhe favoreceria. Havia que guerrear com os vizinhos, impor-lhes superioridade militar, mas jamais exterminá-los, porque eram, em muito, a razão da paz e prosperidade dentro dos muros do reino.

Ovonrramwen, futuro obá, a seguir-se naturalmente, sem incidentes a linha sucessória, tinha instintivamente esta compreensão, pois, mesmo menino, na guerra imaginária, contrariava seu irmão, ainda que movido por outros objetivos, estes mais humanitários do que comerciais ou de manutenção do *status quo*, mater as coisas como sempre foram.

— Não exterminá-los, ponderou Ovonrramwen, vamos fazê-los prisioneiros.

— E ter que alimentá-los! — Exclamou Olorodê. — Não, temos que exterminá-los! Ou então vendê-los como escravos...

— Nunca vou vender ninguém como escravo. — Protestou Ovonrramwen

As duas jovens personalidades, com características demarcadas, passaram a se constituir no pano de guerra real, diversa da imaginária que iriam travar contra seus vizinhos íbos.

E mais ia se acirrar o debate quando, também imperiosa, veio a ordem de Iya Oba, a rainha-mãe, chamando seus dois filhos. O grupo se espalhou imediatamente e, Ovonrramwen e Olorodê marcharam silenciosos em direção à casa da rainha. A casa da soberana, como na do chefe de Benin e de resto nas casas em geral no país, ficava fora do palácio de real. Era estilo atávico, seguido pelos plebeus, naturalmente, separar a residência dos homens das dependências para mulheres e crianças. Assim, constituía-se em unidade autônoma. Ali febrilmente as mulheres desempenhavam as mais diversas tarefas, principalmente de cozinhar, manter a limpeza, confeccionar roupas e adereços, muitas produzindo de forma semi-industrial, vendidas para mulheres outras que as expunham nos mercados e caravanas.

Entraram na casa para se assearem, imposição permanente da rainha-mãe. Ele se encarregara de, pessoalmente, preparar seus filhos para substituir o obá. As questões domésticas, onde se incluía a instrução dos mesmos, estavam pois a seu cargo. Os dois se prepararam para o jantar, não sem antes ouvir, por entre as peças — poucas eram as portas — os sons de algumas mulheres que choramingavam, reclamando da rainha, as dificuldades que estavam experimentando em mandar seus produtos para antigos consumidores, afastados do reino. Havia cada vez mais a presença dos comerciantes britânicos, substituindo os tradicionais holandeses, e impondo novos hábitos. Compravam, os ingleses, como os holandeses, os mesmos produtos; os ingleses, todavia, começavam a se desinteressar, de forma assustadora, para tradicionais fornecedores, do comércio de escravos...

— As mulheres tem de seguir o que estabelecem nossos homens. Não há o que discutir quanto a isto — com grande ênfase falou de seu canto adornado Iya Oba, numa prédica endereçada ao mulherio presente. — Os homens de vocês vão e volta das guerras. Cada vez mais temos problemas com nossas províncias. O santo Obá está gastando cada vez mais com o exército para manter a ordem nas províncias. Por isto, e não por causa dos ingleses, fica mais difícil vender o que produzimos no reino. E fica mais difícil conseguir escravos para mandar para o Brasil.

Era um ambiente real, aquele, porém não diverso de um universo feminino, de forma que, mais imperiosa do que a fala da rainha foi o chorar, em quatro cantos do conjunto, de crianças com fome, com vontade de segurar mamas intumescidas de leite, de fazer cocô, xixi etc., e o assunto morreu por aí.

Obatelê, após ouvir um longo discurso do reverendo Cranfield, falou a respeito do trabalho dos missionários ingleses na Costa dos Escravos e no empenho de seu país em buscar novas alternativas de comércio para os povos da África.

— Não acreditamos que a África se esgote na costa, aliás, entre o Atlântico e o Índico há uma imensa massa geográfica a ser explorada — sustentou o religioso inglês. Apanhou de seu cálice bojudado, continha conhaque, que chamava de burbom, deu uma bebericada e prosseguiu, os olhos adiante da figura estática do africano à sua frente: — As sociedades humanitárias e científicas da Metrópole — referia-se, com um tom de supremo orgulho à palavra — estão organizado mais e mais expedições para o interior da África. Uns querem levar a palavra de Jesus aos que a desconhecem e adoram divindades pagãs — sem surpresa nem reprovação audível, mas com profundo desdém, Obatelê contrapôs com um olhar a assertiva “pagã”; mas a arrogância do anfitrião foi incapaz de compreender a expressão de seu convidado. Assim que prosseguiu: — Com as sociedades humanitárias haverá escolas para os negros nos mais diversos recantos da África. Em Serra Leoa já tem algo exemplar. Dizem que lá para os lados do Índico, nas terras do Sudão é a mesma coisa. E, quanto à penetração no continente, nossa gente estará em busca de novas matérias primas para as indústrias que progridem aceleradamente tanto em Manchester quanto em Liverpool. Queremos mais algodão, e estamos dispostos a fazer investimentos na África, criar plantações em zonas adequadas, para abastecer as grandes indústrias de Machester.

— E os escravos? — indagou singelamente o chefe interiorano.

— São novos tempos, estes — rebateu o inglês — os humanitários têm razão. Precisamos cristianizar os pagãos, encerrar com a chaga do tráfico negreiro e explorar economicamente o interior da África.

— E nós administraremos este novo mundo de que você fala?

— Sim... quer dizer, em termos. Administrar plantações modernas e ter máquinas para procurar por riquezas no fundo da terra precisa conhecimento especializado. Mas você tem suas tradições; podem mantê-las. Serão administradores de suas tradições junto a seu povo. — Arrematou o inglês, no contraponto à autoridade africana à sua frente.

Visto num cenário inédito para Obatelê a idéia não era de todo ruim. Afinal, era um novo mundo que se descortinava muito longe da África, um mundo de máquinas que era impulsionadas por água fervendo e que ferviam pela queima de pedras negras retiradas do fundo da terra e, mais, que transformavam o algodão em fios finíssimos que trançados faziam surgir fazendas em grande quantidade. Não era a primeira vez que Cranfield e outros ingleses, havia insinuado esse pensamento, que já chegara até Adolo, o obá. Este também oscilava entre a presença multissecular

dos holandeses — o obá conseguia, mesmo, pronunciar muitas palavras na língua dos Países Baixos, tão longo era o ir e vir de holandeses em Benin — e tinha admiração pela impecável distância mantida quanto ao governo dos obás. Jamais insinuaram, sequer, algum desejo de administrar o país, de introduzir seus hábitos e costumes, de derrubar os ritos tradicionais do povo e erguer em seu lugar sua religião cristã. A tradição oral fazia a mesma referência aos portugueses — tendo sido os pioneiros em manter contato com os povos de Benin, no século quinze, os portugueses jamais se interessaram a criar ali uma colônia. Negociavam com os obás e respeitavam-nos como chefes de um Estado soberano.

Na casa de Manakita, em estado de completa descontração, já sob o efeito da dose extra do chá maravilhoso, Obasoyen pedia à sua historicamente amiga que visse nas conchinhas, ainda outra vez, qual o melhor caminho para Benin. E explicava: — Nossa principal fonte de riqueza tem sido o tráfico. Temos, ao longo dos séculos, nos livrado de

gente imprestável, que mandamos para trabalhar do outro lado do mar... — Obasoyen fez uma pausa, quase que um momento de meditação, superando uma contrariedade íntima, e pensou: — Quanto abusos, homens como Obatelê têm cometido em nome desses julgamento dos destinados à venda para as Américas! — e prosseguiu com sua fala para Manakita: —... em troca temos recebido armas, cavalos, novidades das indústrias, nestes últimos tempos. Nossos produtos naturais que os interessavam tanto antes, já não importam mais, como peles de animais, pedras e corais e pimenta. As trocas se dão cada vez mais contra nós: mais pimenta, mais corais e menos armas, menos cavalos.

Beton, na sua argumentação, recebendo ainda em casa Obatele, introduzia um novo elemento na conversa, que tinha peso negocial: — Nossos informantes dão conta de que dentro do Brasil há resistência ao tráfico. Assim, além de haver a barreira naval inglesa, que é furada aqui e ali, o maior importador atual de escravos começa a reagir dentro de suas fronteiras. — E arrematou, meio que triunfal, aquele representante clerical da política inglesa na África: — O Daomé, histórico inimigo de vocês, mas exportador de escravos, da mesma forma, começa a receber africanos que se tornaram libertos no Brasil. — E com exagero contrário aos fatos históricos, arrematou — São hordas de africanos voltando para sua terra natal, numa prova irrefutável de que a escravidão está mesmo morrendo. — E, como se tivesse esquecido algo de sua conversa, aduziu: — Houve uma resolta de escravos imensa no Brasil. Era a maior de uma série de outras pequenas. As autoridades temem que o Brasil venha a ser governado pelos negros, assim como ocorreu no Haiti. — Teatralmente, como se em verdade estivesse na boca do palco, não num púlpito, muito menos em sua casa, sorvendo pequenos goles, mas constantes, de burbom, falseou por completo dos fatos históricos e asseverou: — o Brasil vai pedir auxílio à Inglaterra para combater, dentro de suas fronteiras, os levantes dos negros. O governador do estado da Bahia já contatou o cônsul britânico nesse sentido.

Obatelê, apesar de não ser ingênuo, de saber com quem falava, viu em seus pensamentos que o seu interlocutor seguia uma linha lógica de pensamento e que se o Brasil, visto àquele tempo como uma potência econômica, tamanho o número de escravos que importava e a quantidade de açúcar que exportava, começava a ver na escravidão um problema sério, a ponto de pedir apoio à Inglaterra, o alinhar-se aos ingleses mais estreitamente fazia mais sentido do que ele e Adolo julgavam.

Como estava se encerrando talvez a primeira e única visita de Obatelê à residência de Cranfield, este calculou que não poderia deixar de plantar uma pequena semente, e assim fez: — Um tratado de cooperação entre a Inglaterra e Benin pode, perfeitamente, representar auxílio militar para conter as constantes revoltas nas províncias do reino, especialmente dentre os íbos e, sobretudo, num novo plano administrativo, as regras da chefia da capital podem, perfeitamente, ser alteradas.

Cranfield não deu tempo para qualquer coisa, pois sugeriu um brinde ao visitante e, executada a saudação, tomou a iniciativa de levantar-se, insinuando ao visitante que o encontro havia terminado. Obatelê, mergulhado nas últimas palavras de Cranfield demorou um pouco para se erguer; levantou-se então e rumou para a porta, atravessando-a à caminho de um grupo de homens que o esperavam: eram os seus auxiliares, carregadores, áulicos enfim. E seguiu o rumo de Eghoton.

Obasoyen também era um homem informado. Da mesma forma, tinha amigos, nacionais e estrangeiros. Aliás, sua posição de chefe da capital, fazia com que houvesse uma verdadeira fila de espera para quem quisesse ter uma audiência com ele. Nessa fila se incluíam nacionais, com pedidos de ajuda, de intermediação de justiça junto ao obá de concessão de

terras e, os estrangeiros, alguns com pedidos semelhantes aos nacionais, mas muitos deles pombos-correio de mensagens que vinham da Europa e que tinham o objetivo quase sempre escondido em entrelinhas e insinuações vagas, visando a manutenção, pelos holandeses, de sua relação multissecular e, dos ingleses, de incluir Benin dentro da nova perspectiva do *Fioerign Office*, Ministério do Exterior inglês, como território a ser explorado em busca de mais matérias primas para as sedentas indústrias inglesas e de consumidores para o que essas mesmas indústrias produziam; e mais, para a busca de outras matérias primas, estas escondidas no fundo da terra. A África não era mais um ponto de interesse para comerciantes de Liverpool: eles como intermediários do negócio e àquela, como fornecedora do produto humano disputado pelas Américas.

Na composição das peças nesse tabuleiro de xadrez havia ainda um outro elemento que perturbava Obasoyen, o prefeito de Benin: os holandeses estava perdendo o apetite pelo comércio com seu país. A balança, considerava o experiente auxiliar do obá, se inclinava lenta, mas inexoravelmente para o lado dos ingleses.

As mesmas informações que Obatelê recebera de Cranfield, quanto ao Brasil, o prefeito tinha-as de outra forma: o Brasil resistia, com exceção de algumas autoridades, no estado da Bahia, efetivamente temerosas dos levantes de escravos, em manter o tráfico. Se era verdade que consentia que uns poucos africanos declarados libertos pudessem voltar para a África — não necessariamente para a nação-Estado de onde foram exportados —, permitia igualmente a inúmeros navios de bandeira brasileira, norte-americana e européias continuar usando dos mais diversos expedientes, e portos pouco conhecidos, para burlar as normas, que, timidamente, começavam a ser implementadas para controlar a importação de escravos. Passou-lhe pela cabeça a lembrança da história de um certo brasileiro de nome Joaquim d’Almeida, rico negociante de escravos, possuidor de grande quantidade de terras no Brasil e em Lagos, que teve seu navio, *Minerva*, apresado pelos ingleses. Ele era um dos que se valia de portos clandestinos para desembarcar sua carga humana no nordeste do Brasil e usar a farsa de declarar estar apenas transportando lastro, ao ingressar com navios vazios em portos controlados, como os da Bahia, Recife ou Rio de Janeiro. Recordou-se, da mesma forma, Obasoyen, do horror que esse d’Almeida tinha dos africanos chamados malês, escravos muçulmanos, que haviam provocado uma grande revolta na Bahia. Nesse episódio, usou de todos os meios de que dispunha para que fossem domados e mantidos em cativeiro, enquanto que as autoridades públicas ordenavam o repatriamento dos malês e outros negros revoltosos, o que foi feito em grande escala.

Portanto, à partir dos informes de que dispunha o Obasoyen, o tráfico negreiro iria ainda muito longe, apesar de no Brasil haver sido abolido em obediência a tratado assinado com os ingleses.

— — — — —

Adolo, apesar de ser o santo obá era, também, um pai, portanto, com claros interesses voltados para a questão de sua sucessão. Ovonramwen era o filho mais velho, *edaiquem*, aquele que esperava viesse a sucedê-lo no trono de Benin.

Assim, as pessoas da corte viam de longe, com respeito, mas sem admiração especial, o poderoso homem e seu filho examinando um cavalo:

— Veio da Síria, filho. É um exemplar raro. Um mercador holandês deixou aqui. É teu.

Os olhos de Ovonrramwen marearam, suas pernas fraquejaram, mas não a ponto de se dobrarem, afinal, tinha formação real e devia fazer por esconder fortes emoções.

— É o mais alto de sua espécie — pausou o obá — um metro e meio.

Ovonrramwen deteve seus olhos, nos grandes, imensos, olhos do animal, buscando já naquele momento um espaço em seu coração. Queria ser amigo do belo animal, e desde o primeiro dia. Ampliou o olhar e foi deslizando por sobre o pelo curto e, podia ver mesmo um pouco distante, sedoso, a emenda com uma cauda alta e, naquele momento, empinada. Era baio.

— Da cor do ouro! Exclamou Adolo. Cuida dele, filho, como se cuida do tesouro real.

As palavras do obá calavam fundo na mente do jovem, mas ele dividia seus pensamentos. As palavras do pai eram assimiladas, mas ele introjetava a imagem da crina sedosa do pescoço eqüino.

O pai fez um sinal para um ajudante e este fez a cavaliça mover-se em direção ao futuro rei.

— Posso montá-lo? — Indagou Ovonrramwen.

— Não, não pode. — Imperioso, falou o obá. — Eu queria que tu o visse. Aí o tens. É teu. Teu pai está te apresentando o presente por antecipação.

Reverente, Ovonrramwen não demonstrou o desapontamento interior, mas indagou, olhos baixos, quando poderia montar o animal.

— Bem o sabes... depois de tua iniciação.

Ovonrramwen deixou-se ficar, ainda em companhia do pai, próximo, quase tocando o animal, os demais detalhes: pescoço fino, crânio largo, garupa e dorso bem na horizontal. Ali estavam, flectindo a cada instante um dos quatro membros finos e longos. Neste instante, Ovonrramwen lembrou-se de Adnaloy, uma das mulheres de Obasoyen, para ele uma velha, mas que tinha as canelas e ancas rijas como às do cavalo árabe à sua frente.

— Leopardo. Posso chamá-lo assim, pai? Ovonrramwen indagou vividamente, com um misto de súplica e desejo intenso de conseguir o pedido.

— Sim, é um belo nome para um animal veloz. Em breve verás quanto é verdade.

Adolo fez outro sinal com a cabeça, e o cavaliço ordenou ao animal para que se afastasse dos nobres senhores. Ovonrramwen viu o animal afastando-se em direção ao estábulo. Grudou os olhos em Leopardo, depreendendo-os apenas quando este adentrou o abrigo dos animais reais, um local com aparência superior em cuidado e bom gosto do que muitas das casas, mesmo dentro dos muros da cidade.

As coisas do comércio em Benin eram complicadas. A informação que Adolo deu a seu filho, logo no início da visita às estrebarias, era uma meia-verdade. De fato, o cavalo era árabe e, por certo, deve ter vindo da Síria ou da Mesopotâmia, apenas que por caminhos tortuosos e havia já muitos anos. O holandês, homem de recursos, tinha interesse em manter-se em bom relacionamento com o obá. Portanto, de fato comprou um cavalo árabe e deixou-o nas dependências do palácio real. Mas o cavalo era o produto da troca de escravos que o holandês possuía, numa operação realizada em Lagos. Os pais de Leopardo, o nome que o cavalo acabara de receber, já estavam havia algumas gerações na África alta, em locais onde era propícia a criação de cavalos, longe da savana. Os prepostos do holandês haviam feito uma longa jornada, da origem nas terras muçulmanas da hoje Nigéria até o Reino de Benin.

Esta história poderia ser contada por Olosegum, que enquanto o obá mostrava, com intenso prazer, o cavalo árabe a seu filho, conversava, em sua confortável casa, na rua principal da cidade de Benin, com Vincent Van der Nassau, o obsequioso holandês, sempre pronto para atender aos pedidos mais estranhos de Olosegum — para obsequiar ao Obá —, esclarecia. Verdade ou não, o fato é que na situação inversa, quando ele necessitava de algum favor especial de Adolo, quase sempre o conseguia, mesmo os muito difíceis, como costumava dramatizar Olosegum; coisas que podiam ser ou não difíceis de obter dentro da casa real.

— Fiquei sabendo que uma partida de negros altos, vindo de longe, dos lados dos montes nevados — uma referência imprecisa aos montes Kenya e Kilimanjaro, mas definitiva quanto aos possíveis seres: kikuyos e maasais — está por chegar a Benin.

— E você quer o quê? — Indagou Olosegum.

— Uma parcela boa...

— Esses escravos passam pelo administrador geral do Obasoyen.

— Então!

— Então tem mais uma pessoa envolvida na negociação.

— Mas o Obá tem interesse direto nesse tipo de carga.

— O Obá sempre tem interesse direto nas cargas.

— Então? Parece que ele absorve toda a margem da negociação; nesse tipo não cabe mais ninguém.

— Sempre cabe mais alguém... e você sabe disto.

— Bom, no que me concerne, gostaria que você fizesse os contatos para me garantir um número expressivo de altos...

— Vinte, chega?

— Não brinque com isto — foi enfático o holandês — estou falando de duzentos, no mínimo.

— Você sabe que os ingleses se interessam...

— Como, os ingleses? — cortou o holandês — eles estão fora disto.

— Não estão, não. — Olosegum gerou uma expressão dura para acrescentar: — Muitos desses missionários estão envolvidos no negócio dos escravos. E eles têm condições de chegar, por eles mesmos, até os ouvidos do Obá.

— Conto com você, Olosegum; conto com duzentos negros altos para eu mandar para acima do equador. Só eles resistem essa viagem iniciada no outro lado da África e que termina no frio enregelante do norte.

— Vou ver o que faço.

A última frase não encerrou a negociação; terminou a conversa sobre aquele negócio em especial, que atraía o interesse do holandês. Continuaram falando sobre cavalos e esportes que se praticavam usando aqueles belos animais, em meio a um cenário interno de duvidoso bom-gosto e indisfarçável ostentação, coisas que comumente andam juntas. Amontoavam-se, sem ordem, peças que um dia iriam ser alojadas em cristaleiras requintadas, no British Museum, em outros museus de grandes cidades européias e norte-americanas, mas também no Museu Nacional de Lagos, Nigéria. Eram cabeças forjadas em bronze e em latão, trabalho executados por artesãos reais, em sua produção secreta. Gravuras em madeira e magníficos entalhes em marfim. Num canto parecia que, naquele detalhe, Olosegum havia sido tocado por um sopro de bom gosto — resalta, pela incidência de um foco de luz, uma exgtraordinária coleção de contas coralinas. Havia, também, uma grande quantidades de coisas ocidentais, sem utilidade prática no conceito cultural de Benin: pinturas a óleo, livros em holandês, alemão e em inglês, como uma rica Bíblia, encadernada em couro e com debruados de ouro —, e, para

encher os olhos de um grande número de pessoas amantes da guerra ou da caça, uma portentosa coleção de armas de fogo. Olosegum tinha, para ele próprio, um museu e uma modesta, na quantidade de volumes, biblioteca, que não podia ler e, o museu, sem qualquer ordenamento. Van der Nassau, certa feita, desejou obter — você me presentearia? — e face à negativa, foi adiante: — Compro. Faça o preço! — Não está à venda, e muito menos vou dá-la. — Referiam-se, ambos, à uma cabeça de mulher em bronze, em verdade a peça de maior destaque no ambiente, tanto pela imponência da produção artística, exuberância de seus contornos, quanto pelo local onde estava depositada. Preta, a luz natural que se infiltrava no ambiente ensombrecido, fazia com que claros e escuros salientassem o talhe do artista. A luz se refletia, no centro da cara ovalada, dando a impressão, mesmo no bronze, de uma pele humana oleosa, pela devolução da luz incidente sobre si. Na lateral da face, além de olhos moldados com acuidade e percepção, orelhas pequenas, muito discretas. Nos adereços, o artesão havia posto uma malha, que se assentava como um capacete pontiagudo, deixando, num retângulo, meia testa de fora. Testa que terminava sobre sobranceiras que aplicara, como quatro pequenos retângulos, simétricos em cada metade da fronte, separados por duas marcas, maiores que os retângulos, iniciadas na parte superior do nariz, como que expondo, em relevo, as fossas nasais interiores. O nariz era chato, marcadamente tal, como característica daquele grupo étnico, assim como os lábios, cada um deles, mostravam debruns carnosos a emoldurá-los. A cabeça assentava-se sobre um pescoço em que anéis, colocados uns sobre os outros, reproduziam sim colares feitos de contas de coralina, que na criação do artista pareciam dar-lhe sustentação. Era, sem dúvida, um rosto de rainha, *doce e compassivo*. Esta imagem, que deveria estar num altar do palácio real, pelos desvios dos negócios escusos, retratava uma rainha-mãe, produzida há muitos séculos, pelo menos a história oral assim indicava.

Horas depois, Olosegum sentava-se à frente de outro personagem, Obasanjô e acertava em cento e cinquenta o número de escravos altos — homens que podiam medir dois metros e dez centímetros e mulheres com até um metro e noventa centímetros. Tinham também o dom de percorrer grandes distâncias, em marcha batida ou correndo, com baixo índice de fadiga. Recuperavam-se em seguida, com o alimento e o sono. Este acerto significava a colocação de mais um elo na corrente que ligava o tráfico ao Estado, num negócio altamente rentável para a sociedade de Benin, que, nos altos escalões, podia usufruir mesmo da arte, a famosa Arte de Benin.

— E quantas peças de pano da Costa? — Indagou Obasanjô, uma espécie de mercador nato. Ele era iorubano, não um edo. Mas nascera em Benin e seus pais ali permaneceram até que, chamados de volta a Eko, atual Lagos — eram diplomatas — ele preferiu dar continuidade aos negócios que experimentava com grande sucesso.

— A situação está muito confusa no Brasil — ponderou Olosegum. — O ajunto Obatelê a estada do chefe de Eghoton em Benin para me fazer uma visita. Chrou suas mágoas, lamentando que os navios que tem chegado do Brasil trazem os produtos muito mais caros que nunca. Fica difícil comerciar com eles. Choramingam que têm de até colocar fora no mar certo número de escravos, porque onde aportam não há condições de absorção de grandes números. Alguns deles têm racionado a compra de alimentos, e os abastecedores do porto estão indo à falência, fazendo com que em meio da viagem comece a falta comida e têm de fazer escolha entre os que vão comer e os que vão morrer de fome ou jogados no oceano.

— Não acredito nessa histórias. Eles querem é desvalorizar nossas cargas e aumentar o preço das deles. — Fulminou Olosegum.

— Não! — reclamou o interlopcutor —, a coisa está ruim, mesmo.

Intransigente, Olosegum insitiu: — E quantas peças de pano da Costa?

O pano da Costa, um dos mais requisitados itens de exportação do Brasil colonial, partindo da Bahia, era vendido como pão quente. Em verdade, o pano da Costa teve sua origem na África ocidental, e ao longo dos séculos se constituiu em matéria para produção de vestimenta feminina, em especial. Foi, também, em muito exportado para o Brasil, a fim de abastecer um considerável mercado que foi se formando, da vestimenta rudimentar dos escravos, depois destes e dos libertos, mas que, com o passar do tempo, no século dezenove, face à produção brasileira em escala industrial, passou a abastecer os antigos fornecedores.

A posição geográfica da cidade de Benin, conhecida muito antes da chegada dos portugueses, no século quinze, favorecia sua condição de entreposto de negócios. Era uma cidade cosmopolita, visitada por comerciantes das mais remotas localidades africanas. Por ali passavam certos alimentos, peixe seco, animais domésticos vivos, óleos comestíveis, raízes, alguns cereais, feijões, fumo, metais e carvão para fundição, sal e ouro, têxteis, calçados, produtos da escaolada industrial européia, enfim, transitavam tanto as coisas que vinham como matérias primas do interior da África, e que seguiam para além-mar ou eram absorvidas por Benin ou reexportados para seus vizinhos. Homens, assim, como Olosegum, Obansanjô e, mesmo, o chefe de Ughoton, porto marítimo, tiravam partido ao máximo das operações comerciais que, teoricamente, eram exclusividade do obá. Teoricamente, posto que o obá tinha de ficar no palácio deixando nas mãos de seus subordinados a gestão de uma rede de intermediários. Como parece ser também da natureza humana, alí havia exceções; nem todos eram corruptos ou se deixavam corromper.

A conversa comercial desandou para um ponto grave quando se encaminhou para um rumo que desagradava a ambos. Na defensiva, Olosegum sugeriu: — O chefe Obasoyen está reclamando falta de pano para suas costureiras. Como é que vamos satisfazer ao chefe?

O ingresso desse elemento era desestabilizador em qualquer negociação daquela natureza, porque aquele era o homem mais próximo do obá; e naquele submundo havia a certeza, entre seus habitantes, de que Olosegum era um homem correto, que ignorava muitas coisas, alguém poderia até classificá-lo de ingênuo, mas que se viesse a tomar conhecimento de algo que julgasse errado obá ficaria sabendo, e a pena de morte vigia sendo o obá o único a determinar sua execução, o que fazia sem qualquer angústia.

— Não tenho pano da Costa, e isto é verdade, e temo que não vá consegui-lo tão pronto. — Contemporizou Obasanjô, a voz sugerindo um lamento. Mas, num crescendo propôs: — Está vindo um lote considerável de tabaco da Bahia. É para os holandeses, é verdade, mas pode-se conseguir em valor mais ou menos igual ao que você deseja em pano da Costa.

Sorriso aberto, afastada a questão Olosegum, o intermediário assentiu, empurrando com gestos corporais seu visitante na direção da porta:

— Trato feito, quando vem o fumo?

— Não demora muito, venho comunicá-lo.

Harry Charles Cranfield tinha uma bela casa em Benin e num anexo que a ela se integrava, mantinha uma espécie de casa de reza. Não era uma igreja propriamente dita, mas um local de orações e convicção de nativos. Aqueles eram tempos, em Benin, quando os

ingleses representavam sociedades humanitárias, sediadas nas principais cidades inglesas e que, os tempos ensinariam, não buscavam apenas o que apregoavam e tentavam coagir os outros a fazer: combater o tráfico de escravos. Assim, como Cranfield, um missionário, missionários espalhavam-se pelas África toda. Tinham grande aversão à costa — chamavam-na de *with the men's grave*, ou cemitério de brancos —, tamanha a mortandade de europeus que o impaludismo causava. Cranfield guardava em seu diário de vida uma estada em dois pontos da costa, Costa do Ouro e Lagos, tendo adquirido neste porto a malária que não o matara, mas que ia e voltava, causando crises de ciclo imprevisto, quase todos renunciando uma morte que, para sua felicidade, desusadamente não acontecia. Eram, tais ciclos, controlados por um chá, infusão com a casca de uma pequena árvore, amarga como fel, mas eficaz no baixar a febre e, por conseguinte, evitar convulsões e outros efeitos nocivos da malária. Outros companheiros de saga, e foram muitos, haviam sido inoculados com o plasmodium dos mosquitos contaminados e já estavam em baixo da terra, tendo na cabeceira a lápide que desejariam, se houvessem podido escolher, tê-la semi-enterrada num cemitério anglicano, em casa.

Neste momento apenas a casa estava cheia. Ontem seu recanto de reza da Bíblia, versão do rei James, primeiro, estivera ocupada por um pequeno punhado de nativos, atraídos menos pelo linguajar bíblico do que, por pobres, pelas comidas e poucos presentes que o ali religioso oferecia. E cheia estava a casa de brancos comerciantes. Bebiam gim, burbom, cerveja, vinho e empanturravam-se às mãos-cheias com comidas da terra, produzidas viscosamente com azeite de dendê.

A festa na casa de Cranfield, verdadeiramente, regurgitava — estava a transbordar de tanta gente. Deveria estar absolutamente normal para aquela gente européia, a festa onde soltar gases intestinais, tampouco sonoros e benfazejos arrotos, não causava espécie. Falar alto e bravar, muito menos. Narrar histórias de horror, classificando-as com uma boa piada — *a good joke*:

— ...então a negra, no convés, solta para ser lavada... vocês precisavam ver como fedia aquele animal... — risos generalizados, e tapas nas coxas de pernas flectidas ou nas costas de desbragados ouvintes — apanhou seu nenê e colocou-o no colo. Eu estava num canto do convés e tinha certeza do que ela ia fazer. Mas estávamos curtos de alimentos, parte da carga iria mesmo ter que ser lançada ao mar. — Os risos pararam, apenas para dar ouvido ao narrador, não que o silêncio nascera de qualquer tipo de apreensão com o que iria ocorrer. — A negra foi indo caminhando de costas... bem devagarzinho até a murada do navio. Ela dava um passo para trás e espreitava para ver se alguém cuidava o que ela estava fazendo. Não, ninguém estava preocupado com ela; havia uma azáfama em atirar água na carga. E ela marchava para trás. Sentou-se na amurada... e ninguém olhou. Eu via tudo, lá longe, quieto, mascarando uma rama de fumo. Ela abraçou bem a negrinha no colo e emborcou, caindo no mar com a filha. Cuspi o fumo e dei às costas. Era um a menos.

— E a negra morreu? — Indagou uma voz cujo tom tinha tudo de curiosidade, uma gota sequer de piedade. Pareceu até ao narrador que era galhofa a pergunta.

— Fantasiando, para dar mais sabor à história, disse que não. O tubarão que apareceu gostava apenas de petiscos e comeu só a negrinha... — Muitas risadas e apupos, além de brindes com as canecas que continham suas bebidas.

A festa de Cranfield teve até um momento de glória para o anfitrião, quando alguém indagou se ele era, mesmo, descendente de um certo Cranfield que sofrera *impeachment*, quando ministro do rei James, o patrono de uma versão da Bíblia que Cranfield usava sempre. Respondendo em voz alta apregoou a ascendência nobre. Todos ficaram felizes, afinal não

importava, ou já havia sido esquecido, o motivo do *impeachment*: corrupção, algo, assim, hereditário.

A um canto, depois de se desvencilhar de alguns convivas, Cranfield achou tempo para conversas em voz mais baixa — afastara-se da algazarra — com um outro inglês, recém chegado de Ughoton, numa escuna da Marinha Imperial Britânica. Extremamente discreto, o oficial fizera o máximo esforço para não ser notado. Tinha uma missão a cumprir e essa envolvia Cranfield. Foi direto ao assunto:

— A aproximação final com Adolo tem de ser executada com mais empenho, mesmo que não envolva muita rapidez, mas tem de ser decisiva. A questão de Lagos havia sido resolvida de outra forma; Benin tem outra importância e terá outro papel. E esse papel é uma estreita cooperação entre a Inglaterra e obá. Ele está tendo muitos problemas em suas colônias e nós poderemos ajudá-lo a por cobro às insubordinações.

O oficial visitante e o sistema que ele representava, não confiava de todo em Cranfield; afinal, ele era um religioso usado como instrumento da inteligência britânica; não era formalmente um agente infiltrado e treinado para isto. Por tal, deixou como suposto caminho a ser seguido no futuro pelos ingleses, algo diferente do que haviam feito em Lagos, que passara a ser uma colônia britânica. Aos ouvidos de Adolo, pelos labirintos que representavam seus assessores e cortesãos, que se comunicavam com Cranfield, deveria chegar a versão de uma cooperação, jamais de anexação. O oficial inglês, que estivera à paisana no grande festim, passou a seu anfitrião uma série de informações, magnificadas, relativas aos prejuízos que chefes insubordinados e descontrolados, em importantes rotas comerciais, estavam causando a Adolo.

— Guarde isto, ministro Cranfield — concluiu seu trabalho o oficial — Adolo recuperará todo o fluxo comercial perdido, bastando apenas que venhamos a apoiá-lo, firmando um tratado de cooperação militar.

Viajava em direção ao porto, no dia seguinte, o oficial inglês, quando recapitulando cada palavra e insinuação que plantara, ao fim se recordara de certa aula de história, na Escola Real Naval, quando aprendeu a diferença entre dois ministros de James, primeiro, que haviam sofrido *impeachment*, por parte do Parlamento: um era o pensador Francis Bacon, o outro, seguramente parente daquele padre aldeão, um ladrão do tesouro real.

Na cabeça do oficial de marinha, filho de tradicional família inglesa, não passou, porque a história tinha de conservar o pensador íntegro, que o impedimento de Baco foi por haver sido condenado por corrupção passiva: aceitou suborno.

No mesmo dia em que o brilho dos olhos do *edaiquem*, o filho mais velho de Adolo, Ovonramwen, enchiam de alegria o pai que indicava o cavalo que seria seu, o Leopardo, naquele mesmo dia, em instante diverso Kotou era levado por seu pai ao interior de seu sacrário: a casa onde produzia suas obras. A bem da verdade, na tradição beninense, ele era uma espécie de Deus, pois o pensamento histórico dizia que Osanobua criara o mundo e os seres que nele estão. Os artistas, por consequência, eram como deuses quando em processo de criação, produzindo sob a inspiração dos deuses.

As fugas de Kotou, que os meninos não entendiam, apenas tratavam de cutucá-lo, trazendo-o muitas vezes de lugares que nunca compreendera onde se localizavam, ou o que lá fazia, eram explicada pelo pensamento nativo, que dizia ainda sobre os artistas como seu pai era e ele se encaminhava para sê-lo: O artista recebe o poder da criação — na língua edo, *ase*,

em sonhos e visões, geralmente precedidas de um processo de grande sofrimento. Muitas vezes, pensam assim os benis, a pessoa se revela como um artista através da divinação ou da possessão. Mas, num certo momento, o artista é comandado diretamente por Olokum, ao criar coisas e natérias encontradas no mundo visível. Ah!, existe na cultura benin o mundo invisível.

*** Fica aqui a marcação de que o Mestre, de as Nações, vai de alguma forma se ligar a Kotou.

Kotou começou a adentrar (seu pai era o mais alto, pois trabalhava com bronze *Iguneronmwon*)